A subversão da representação dos espaços colonial e metropolitano em *O morro dos ventos uivantes*[1]

Daise Lilian Fonseca Dias[2]
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a representação de espaços da metrópole e espaços coloniais em *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë, sob uma perspectiva póscolonial. Percebe-se na literatura inglesa colonial um padrão de representação do espaço metropolitano que enaltece a Inglaterra, e desqualifica os espaços e povos de fora do eixo europeu. Esses povos e espaços são apresentados de forma preconceituosa e sob o domínio dos ingleses. O romance de Brontë subverte essa prática ao conferir valor ao que está fora do *centro* imperial e atribuir significados comumente dados às colônias à capital do império inglês.
Palavras-chave: Espaços; metrópole; colônia; póscolonialismo.

Abstract: The objective of this paper is to analyze the representation of metropolitan and colonial spaces in *Wuthering Heights*, by Emily Brontë, from a postcolonial perspective. It is noticed in the English colonial literature a pattern of representation of the metropolitan space that exalts England, and undervalues spaces and people which are out of the European axis. These people and spaces are presented in so a biased way and submitted to the English. Brontë's novel subverts this practice for she values what is not in the imperial center and applies meanings usually given to the colonies to the capital of the English Empire.
Keywords: Spaces; metropole; colony; postcolonialism.

1. Recebido em 18 de fevereiro de 2012. Aprovado em 10 de julho de 2012.

2. Doutora em Letras (2011) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), atualmente é professora do Departamento de Letras a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Resumen: El objetivo de este trabajo es analizar la representación de espacios de la metrópolis y espacios coloniales en *Cumbres Borrascosas*, de Emily Brontë, bajo una perspectiva poscolonial. Es notorio en la literatura inglesa colonial un modelo de representación del espacio metropolitano que enaltece a Inglaterra, y descalifica los espacios y pueblos que no pertenecen al eje europeo. Esos pueblos y espacios son presentados de forma prejuiciosa y bajo el dominio de los ingleses. La novela de Brontë subvierte esa práctica al conferir valor a lo que está fuera del centro imperial, y al atribuir significados comúnmente dados a las colonias a la capital del imperio inglés.
Palabras clave: Espacios; metrópolis; colonia; poscolonialismo.

As relações coloniais, de modo geral, envolveram uma gama de práticas e efeitos relacionados à transportação, escravidão, deslocamento, emigração/imigração, bem como a discriminação racial e cultural em diversos níveis e aspectos. Essas práticas e efeitos e suas relações com questões de ideologia e representação estão no coração dos debates mais vigorosos nas recentes teorias póscoloniais.

Said (1994:225, tradução nossa), afirma que "o imperialismo, no fim das contas, é um ato de violência geográfica através do qual, virtualmente, cada espaço no mundo é explorado, mapeado e finalmente controlado". Sendo assim, um ponto central nas relações humanas marcadas pelo colonialismo e imperialismo é o espaço, visto que as relações coloniais ocorreram em ambientes que receberam uma carga ideológica de interpretação de acordo com as necessidades dos que detinham o poder. Em virtude disso, pode-se dizer que "a geografia não é um recipiente inerte, não é uma caixa onde a história cultural 'ocorre', mas uma força ativa que impregna o campo literário" (Moretti 2003:13).

Em se tratando de espaços nas relações coloniais, é importante considerar que o termo *espaço metropolitano* refere-se, sobretudo, ao espaço ocupado pelos colonizadores, como por exemplo, a Inglaterra e a França, mas também diz respeito aos locais onde seus cidadãos residem enquanto vivem nas colônias (Said 2003). Já o termo *espaço colonial* refere-se especialmente àquele ocupado pelos colonizados, a exemplo da Índia e da África. Entretanto, quando analisada

de maneira mais apurada, essa distinção não parece tão simples. A questão é que, para Said, o colonialismo não é simplesmente um ato de acumulação e aquisição de territórios e, por isso, a distinção entre os dois espaços mencionados não está apenas dentro dos espaços tangíveis, ela também existe na esfera das atitudes e dos hábitos das pessoas envolvidas no processo de colonização.

Portanto, pode-se dizer com Ashcroft *et al* (2004) que os espaços coloniais são espaços antagônicos e apesar dos povos colonizados, muitas vezes, fazerem mímica para lidar com a presença imperial, os relacionamentos que ali se desenvolvem são de constante contestação e oposição.

De acordo com Boehmer (2005), encontram-se pontos importantes para os valores imperiais na representação do espaço em romances – o romance do século XIX contribuiu para a imaginação do império ao refletir o *status quo* – sobretudo no que se refere ao foco em certas áreas, a atenção muitas vezes dada mais à capital do que a outras áreas, de modo que a hierarquia social era simbolizada geograficamente. Na verdade, percebe-se que há, de certo modo, na literatura inglesa oitocentista, por exemplo, um padrão de exclusão do que está fora da Inglaterra. Assim, territórios agregados ao chamado *Reino Unido*, como a Irlanda, a Escócia e o País de Gales não aparecem nos romances ingleses, com a mesma frequência que a Inglaterra.

Em *O morro dos ventos uivantes* (1847), único romance da escritora inglesa Emily Brontë (1818-48), a questão dos espaços antagônicos é posta por personagens em diversos níveis: o campo e a cidade; moradores do norte e do sul da Inglaterra; habitantes das duas propriedades onde se desenrola o enredo, O Morro dos Ventos Uivantes e de Thrushcross Grange; da Inglaterra e de outros países. O antagonismo desses espaços está relacionado a aspectos culturais presentes no discurso de personagens, os quais insinuam a superioridade de quem mora na Inglaterra; no sul da Inglaterra; em Londres; em Thrushcross Grange. É na construção da alteridade nesses níveis que a identidade dos personagens ingleses que se julgam superiores se afirma.

É importante lembrar que o romance de Brontë trata do impacto que a chegada de um menino, supostamente cigano, e estrangeiro, Heathcliff, provocou no seio de uma família inglesa, os Earnshaw e dos seus vizinhos,

os Linton. Heathcliff, encontrado pelo Sr. Earnshaw nas ruas de Liverpool é levado pelo próprio para viver como um filho em sua casa, local onde sofre, profundamente, com o preconceito racial e religioso. Com o convívio, ele se apaixona pela filha do seu *pai adotivo*, por quem é correspondido. Contudo, Cathy o renega por ser pobre e pertencer a uma raça considerada inferior, por isso, casa-se com o vizinho rico, Edgar Linton, levando ao máximo as tensões raciais e de classe entre o jovem estrangeiro e as duas famílias inglesas. Posteriormente, Heathcliff se casa com Isabella Linton com o objetivo de apropriar-se, futuramente, de sua herança.

É necessário que se considere o fato de que a iniciação da protagonista feminina, Cathy, na perspectiva colonial, adquirida em casa – sobretudo com o irmão Hindley e com os criados, Joseph e Nelly – e com os Linton é tão grande que, posteriormente, já casada com Edgar, ela afirma: "Neste caso, nem por *um reino* eu trocaria meu lugar pelo teu" (Brontë 1971:101, grifo nosso), ao comentar a paixão de Isabella Linton por Heathcliff. A referência a um dos reinos, supostamente um dos que compõem o *Reino Unido*, revela o quanto a posse de qualquer desses territórios que o formam – a Irlanda, a Escócia, o País de Gales – significava para um homem ou uma mulher da época: possuí-los era a medida que indicava poder e riqueza. Contudo, deixando de lado seja qual for a carga de sinceridade presente nas palavras de Cathy, pode-se dizer que se nem por um reino ela trocaria sua posição em Thrushcross Grange – a propriedade do seu marido – para estar com Heathcliff, ela tinha noção da importância da sua posição de esposa de um magistrado inglês vivendo na metrópole imperialista.

Ao dar prosseguimento à conversa com Isabella, Cathy afirma que Heathcliff é "[...] an unreclaimed creature [...] a wolfish man" (Brontë 2003:93). Ou seja, Heathcliff é uma criatura *não civilizada*, *um homem lobo* (*Nedt* 1999). A escolha das palavras mostra o quanto Cathy tem conhecimento de estereótipos de pessoas de outras raças e espaços. Considerando Heathcliff um não civilizado semelhante a um animal, ela se coloca na posição de representante da civilização e dos seres humanos, uma prática comum entre os europeus em períodos coloniais, conforme afirma Loomba (1998).

Até que ponto Cathy tinha convicção sobre o que dizia a respeito de Heathcliff, e até que ponto estava apenas querendo afastar Isabella dele não se pode medir. Todavia, suas palavras revelam o peso do argumento, isto é, ela sabia o quanto a estereotipia do estrangeiro era importante para seus pares, embora exista a possibilidade de Cathy perceber a discrepância entre a imagem estereotipada do *outro* racial, Heathcliff, e a experiência diária com ele, visto que ela não consegue, de fato, extinguir seu nível de identificação com ele – ao ponto de afirmar antes de casar-se com Edgar: "Eu *sou* Heathcliff" (Brontë 1971:83, grifo da autora).

As referências a reinos que compõem a Grã-Bretanha na obra, pode-se dizer que elas são feitas de maneira aparentemente simples, como parte do vocabulário do dia a dia dos personagens ingleses, mas se destacam pela menção do que é externo à Inglaterra, e revelam as concepções deles sobre os domínios do próprio império. Ao narrar o retorno do Sr. Earnshaw de sua viagem a Liverpool, Nelly afirma que, cansado da viagem, o velho homem disse que "[…] não repetiria tal caminhada, nem que lhe dessem os três reinos" (Brontë 1971:40).

A menção acima aos três reinos aponta, mais uma vez, para a consciência das riquezas e do poder que os envolve e dos benefícios que possuí-los traria a qualquer um. Além disso, a Escócia, a Irlanda e o País de Gales eram, de fato, territórios anexados à Inglaterra, submetidos a uma maneira específica de desqualificação e opressão. É importante considerar que quando o romance de Brontë foi escrito, os ingleses estavam em um profundo processo de tensão política, principalmente com a Irlanda, devido uma grande fome que se abateu sobre aquele país na década de 1840, o que resultou na imigração em massa de irlandeses para a Inglaterra.

Contudo, é preciso que se avalie a menção aos reinos, feitas por Cathy e pelo Sr. Earnshaw, sob outras perspectivas. Embora a ideia de possuir reinos seja algo presente no imaginário dos personagens, em virtude da riqueza proporcionada pela possessão de territórios, ambos rejeitam possuí-los. Aparentemente, Cathy prefere não deixar sua posição de esposa de um magistrado inglês dentro da Inglaterra, e o Sr. Earnshaw preferiria não

possuí-los se dependesse de fazer outra caminhada a Liverpool. À primeira vista, o discurso deles sugere que era melhor ter posses dentro da Inglaterra. Por outro lado, percebe-se que tanto Cathy quanto seu pai, os quais têm uma postura de tolerância interracial (embora Cathy, de certo modo, mude de comportamento a partir da adolescência), rejeitam algo de extremo valor para os ingleses: a posse de territórios – que não lhes pertence por direito –, como se preferissem o que haviam adquirido, legitimamente, a tomar posse de algo tão valioso, mas que pertencia a outras pessoas. Nota-se na postura e no comentário de ambos uma crítica velada à prática colonial de apropriação indevida de territórios, exatamente porque os bens que o imperialismo acumulava eram advindos, em geral, de perdas – sobretudo territoriais – impostas a outras pessoas.

Wanderley (1996:103) afirma que, seguindo o padrão de diversos romances ingleses, na obra de Emiy Brontë "[...] mais uma vez, como em *Jane Eyre,* o grande mal vem das colônias". A tendência de seguir o padrão de representar o mal e a desordem como vindos das colônias não é inaugurada em *O morro dos ventos uivantes*, mas Brontë trabalha com um tipo de história envolvendo estrangeiros (que trata da *invasão* deles) na Inglaterra que viria a ser desenvolvida mais para o final do século, embora Brontë siga o padrão de representação acima mencionado em sua obra para subvertê-lo.

Deve-se ter em mente que Brontë parte de um medo de sua sociedade (a presença de pessoas de raças escuras no território metropolitano) com uma sensibilidade que parece não existir no romance de sua irmã. Enquanto Charlotte Brontë silencia e marginaliza Bertha Mason, uma jamaicana, em *Jane Eyre* (1847), Emily Brontë registra a opressão sofrida em detalhes pelo outro racial e religioso e o apresenta como seu protagonista, trazendo-o tanto no nível estético (Heathcliff como protagonista) quanto no ideológico (um cigano estrangeiro passa a ser dono das terras onde fora oprimido e senhor da maioria dos seus antigos opressores), ou seja, ele migra da margem para o centro.

No que se refere à invasão e à posse de territórios, para Said (1994), a verdadeira possessão geográfica da terra é o que define o império. Por isso, ter assumido o controle de duas propriedades inglesas – aquela dos Earnshaq, O

Morro dos Ventos Uivantes, e aquela dos Linton, Thrushcross Grange – é tão importante para Heathcliff, uma vez que através da mímica, ele se apropria de espaços ingleses. Com a aquisição das duas propriedades antagônicas da obra por um estrangeiro que havia sido subalternizado nelas, Brontë ironiza a importância da aquisição/perda de território para seus compatriotas, tendo seu herói subversivo, assumido um bem tão precioso para os ingleses, ou seja, terras, dentro da Inglaterra.

Said (1994) mostra, ainda, que o imperialismo associado à cultura afirma a primazia da geografia e de uma ideologia sobre o controle de território. Portanto, apossar-se de duas grandes propriedades, por meios legais, onde esteve oprimido, confere ao feito de Heathcliff uma profunda vitória, uma profunda invasão, uma profunda resposta ao império inglês, ao mesmo tempo em que reafirma a fragilidade ou a fugacidade do poder político, econômico e social da Inglaterra – embora ele não seja feliz completamente com sua conquista, uma vez que Cathy não está ali para compartilhar com ele; ela morre ao dar a luz a Catherine.

Para os personagens ingleses, O Morro dos Ventos Uivantes e Thrushcross Grange são os espaços de origem e, com a chegada do estrangeiro, são reafirmados como lugares da afirmação da identidade inglesa. É reconhecendo a própria diferença – em relação à raça, língua, religião e cultura ao enxergar o *outro* de modo negativo – que esses espaços tornam-se uma miniatura da Inglaterra, o Estado-nação que aos ingleses confere um passado, uma língua, uma cultura que devem ser protegidos.

Contudo, naquele contexto, é preciso que o diferente seja subalternizado, outremizado, para que a identidade se afirme e se concretize na diferença. Desse modo, a propriedade dos Earnshaw representa a Inglaterra que dá espaço para o estrangeiro e é por ele *corrompida*, enquanto Thrushcross Grange representa a Inglaterra conservadora que resiste à presença do estrangeiro. Enquanto isso, as sedes das duas fazendas permanecem inabaláveis; elas representam as ideologias que ali se afirmam.

Assim, os espaços focalizados na obra estão profundamente relacionados com a postura, com a tomada de decisões. Quando Heathcliff assume seu

protagonismo e descentra os espaços na fase adulta, a narrativa traz um ser da periferia para ocupar espaços centrais, revertendo a ordem das relações coloniais e sua representação ficcional.

Por outro lado, há um espaço de profundo valor significativo na economia da obra estudada aqui, e que é comum aos personagens, no qual podem transitar sem distinção de classe, raça, sexo: as charnecas. Alguns dos interesses da literatura romântica estão na "[…] redescoberta das belezas da natureza [e no] interesse na vida e nas pessoas do campo" (Silva 2005:199). O espaço da natureza tem um papel significativo na figura das charnecas que separam O Morro dos Ventos Uivantes e Thrushcross Grange. Contudo, elas representam muito mais que a valorização da natureza nesta obra.

Para Cathy, as charnecas são uma espécie de fonte de vida. Elas significam um espaço livre que contrasta com os fechados e cultivados parques de Thrushcross Grange, por exemplo. Enquanto criança, as charnecas facilitavam a sua – e de Heathcliff – política de resistência contra convenções culturais, particularmente punições, as quais se tornavam apenas objetos de riso quando os dois ali estavam. Para as duas crianças, as charnecas, não a casa em que viviam, representam um lugar de liberdade plena. Na maturidade, Cathy continua a ver as charnecas como uma fonte de vida, como um mundo do qual ela se sente – já casada em Thrushcross Grange – "[…] exilada, por consequência de tudo quanto fora meu mundo…" (Brontë 1971:122). A fala de Cathy revela que entrar na casa dos Linton, significou uma alienação do seu mundo e uma amarga ruptura com sua antiga forma de vida.

Pouco antes de morrer, no meio da febre, *aprisionada* em um quarto, em Thrushcross Grange, Cathy tem a convicção de que sua recuperação depende do seu retorno aos campos entre as duas propriedades, às charnecas:

> Oh! Estou queimando! Gostaria de estar lá fora! Quereria ser uma criança de novo, meio selvagem, livre e atrevida […] Estou certa de que voltaria a ser eu mesma se me tornasse a encontrar no meio do matagal, naquelas colinas. Escancara a janela! Deixe-a aberta. Depressa, por que não te moves? (Brontë 1971:122).

O fato de Cathy e Heathcliff só serem felizes e livres nas charnecas, indica que ambos não pertencem completamente a nenhum dos dois mundos que conhecem, isto é, as duas propriedades. Além disso, as charnecas não são fundamentais para a sobrevivência de Cathy e de Heathcliff apenas durante suas vidas, mas também após a morte, de modo que as suas almas retornam para aquele ambiente após a reunião de ambos através da morte, conforme relata a criada Nelly ao narrador Lockwood:

> As pessoas da região, porém, se o senhor as interrogar, jurarão sobre os Santos Evangelhos que ele anda passeando. Há quem pretenda tê-lo encontrado perto da igreja, ou nas charnecas, ou mesmo nesta casa [...] o velho que está lá embaixo [...] afirma que viu a ambos, olhando pela janela do quarto [...] Heathcliff e uma mulher [Cathy] estão lá embaixo, sob a ponta do rochedo [...] (Brontë 1971:312).

O desejo de retorno às charnecas e o reencontro naquele local após a morte destaca a condição de liminalidade dos protagonistas. Cathy representa a possibilidade de tolerância entre os mundos antagônicos dessa obra, o seu mundo inglês com um mundo *estranho* e *perigoso*, porém desconhecido, de Heathcliff, enquanto este representa a diferença. No meio, entre O Morro dos Ventos Uivantes e Thrushcross Grange está o território livre, as charnecas, espaço de liberdade completa, de interação, de integração para ambos os personagens. Em seu delírio, Cathy ansiava voltar para lá. O reencontro de ambos após a morte naquele local revela que, de fato, não pertencem a nenhum dos dois mundos representados pelas duas propriedades, mas permanentemente, ocupam um espaço entre eles. A ênfase sobre o espaço predileto de Cathy e Heathcliff ser as charnecas revela também que nos espaços das propriedades e das cidades, as pessoas são levadas a assumir a condição de servo e de senhor, mas nas charnecas, a área é livre e interminavelmente aberta.

Ao se referir a um espaço diferente das charnecas, no caso, às cidades, Silva (2005:233) observa que: "Na literatura vitoriana a cidade é uma constante, e aparece como cenário principal da trama representada em algum

personagem ou em contraste com a vida rural." Brontë, entretanto, não segue este padrão. Ela não estava interessada em criticar as mazelas sociais causadas pela Revolução Industrial em Londres, muito menos em destacar a capital do império inglês como um centro de poder, como era comum na literatura inglesa. Na obra em estudo, Londres – a qual foi fundada por invasores romanos quando o espaço que se chama Inglaterra era uma colônia romana – é o local onde Isabella dá à luz ao filho de Heathcliff. No caso de Isabella, Londres representa a liberdade da opressão patriarcal do marido, mas é também o local do seu exílio, esquecimento, morte. Ali, ela está aprisionada pela rejeição familiar resultante da moral inglesa que punia mulheres separadas.

Brontë subverte um tipo de representação comum de Londres, a qual, na sua obra, se torna um lugar de exílio, de banimento e não um símbolo de poder, de *status,* de hierarquia, conferindo à capital do império, uma representação que costumava ser atribuída às colônias. Além disso, o filho de Heathcliff nasce em Londres (o que representa uma verdadeira invasão e hibridismo), capital do império: "Papai foi para Londres buscar meu primo" (Brontë 1971:185). Esse é um comentário que a filha de Cathy, Catherine, faz ao seu primo Hareton Earnshaw, tentando desqualificá-lo por ser do interior, de fato, nota-se um tom de orgulho na fala da jovem sobre ter um primo que mora naquela cidade. Além disso, há as referências veladas feitas pelo narrador Lockwood à capital do império, percebendo-se, assim, que Londres é vista pelos personagens como um lugar, de certo modo, importante, mas o texto em si não a exalta.

O desenraizamento territorial de Isabella não tem os desdobramentos significativos que o de Heathcliff, o qual faz fortuna em apenas três anos de ausência, motivada pela descoberta da iminência do casamento de Cathy. Os doze anos de Isabella em Londres não têm destaque algum na narrativa, ao ponto de nada ser mencionado sobre sua condição naquele lugar. A mudança para a capital não desempenha nenhum papel no sentido das relações de poder colonial, mas as propriedades isoladas do norte adquirem grande importância. Assim, diferente da literatura inglesa que mostrava as colônias como locais de banimento e exílio, Brontë faz o inverso, a capital do império é que se torna um lugar de fuga, degradação e esquecimento.

A obra também denuncia o aprisionamento literal de mulheres casadas nas casas dos maridos. Gilbert & Gubar (1984) afirmam que quase todas as mulheres do século XIX eram, de algum modo, aprisionadas nas casas dos homens. Um exemplo disso está no desespero de Cathy citado acima devido ao seu encarceramento literal e emocional em Thrushcross Grange, e ilustra o distúrbio psíquico da mulher vitoriana de classe-média, por exemplo, que era confinada ao espaço doméstico, sem satisfação emocional.

Percebe-se que a representação dos espaços na obra também promove um questionamento de aspectos da ideologia vitoriana romântica. Através da representação do espaço doméstico, neste caso, a casa paterna ou a do marido, Brontë critica o ideal vitoriano de domesticidade que via o lar como um ambiente privado, símbolo da esfera feminina separada do público que seria o suposto domínio do masculino. Contudo, o lar que é O Morro dos Ventos Uivantes, por exemplo, é um espaço ideológico hibrido devido a repetidas erupções econômicas, políticas e sociais, os quais levam mulheres casadas da segunda e da terceira gerações ao isolamento em seus interiores claustrofóbicos, através de uma estrutura gótica de aprisionamento.

Na verdade, existe uma assimetria entre o espaço do herói e o da heroína na obra. *O morro dos ventos uivantes* está limitado a espaços muito pequenos, cujas fronteiras são cruzadas apenas em ocasiões especiais. Contudo, Brontë critica o aprisionamento das mulheres ao retratar suas personagens femininas como praticamente imóveis dentro de suas propriedades, enquanto seus parceiros se deslocam pelo mundo: o Sr. Earnshaw vai para Liverpool; seu filho, Hindley, para a escola; Heathcliff para o exterior; Edgar para Londres; e o filho de Heathcliff, Linton Heathcliff, vai de Londres para Thrushcross Grange. Uma divisão simples e muito clara: as mulheres no espaço privado, e os homens no ambiente exterior.

Em relação a esses deslocamentos, o de Heathcliff apresenta alguns pontos importantes. De acordo com Wanderley (1996:106), ele:

> representa ao mesmo tempo a fragilidade do homem sem terra e sem nome ante a estrutura rural recém-liberta do modelo feudal,

> assim como a força do homem livre e aventureiro movido pela ambição e pelo desprezo à velha ordem social. De origem racial duvidosa pela cor que ostenta, a alcunha de cigano lhe assenta bem, pois é no romance *a única personagem que se desloca espacialmente* (grifos nossos para destacar a leitura equivocada nesse trecho da análise de Wanderley).

O deslocamento espacial de Heathcliff acontece desde o início da obra. Foi encontrado "morto de fome" e "mudo nas ruas de Liverpool" pelo Sr. Earnshaw; é levado a O Morro dos Ventos Uivantes, onde permanece até sua morte. Na adolescência, foge ao saber que Cathy não se casaria com ele para não degradar-se e, durante três anos esteve em local indeterminado, mas retorna para vingar-se. Na concepção de Wanderley (1996:107), Heathcliff é sem dúvida:

> uma personagem desenraizada, que não pertencendo a nenhum dos dois universos polares do romance (Wuthering Heights [*O Morro dos Ventos Uivantes*] e Thrushcross Grange) está presa a ambos pela própria condição de agregado, que não possui espaço próprio.

É importante considerar também que não é apenas a condição de agregado que mantém Heathcliff naqueles dois espaços centrais da obra, mas o seu amor por Cathy. Os espaços que ele odiava eram, na verdade, a prova viva de que durante um tempo de sua vida ele encontrou amor, aceitação e identificação – em Cathy.

A condição de agregado naqueles espaços não parece ter sido inicialmente por uma escolha de Heathcliff. Como ele não passava de uma criança ao chegar a O Morro dos Ventos Uivantes, não poderia ter decidido imigrar para a Inglaterra. A obra não lança luzes sobre por que ele veio, nem como veio para aquele país, nem sob quais circunstâncias. Entretanto, ao encontrar uma família em Cathy, Heathcliff não parece cogitar deixar a propriedade por amor a ela, exclusivamente, pois não demonstra afeto algum pelo Sr. Earnshaw, talvez pelo patriarca nunca ter legalizado a sua condição perante a família e a sociedade. O certo é que, ao crescer, ele tanto partiu porque quis quanto voltou e ali

permaneceu por vontade própria. Partir/retornar/ficar são ações que implicam poder de decisão, poder de controlar a própria vida, diferente da condição das mulheres que estão presas às fazendas como propriedades dos donos.

O fato de deslocar-se espacialmente e o resultado do deslocamento ser o progresso emocional e financeiro confere a Heathcliff a condição de homem livre e, por isso, pode decidir o que fazer. Apesar dos espaços ordenados diferentemente de acordo com raça, classe e sexo, Heathcliff explora-os, impondo-se, como uma afronta, saindo de um para o outro e confundindo os ingleses que o observam. Entretanto, Brontë critica a sociedade inglesa que não permite as mesmas oportunidades às mulheres, de modo que ser uma mulher é uma condição pior do que a de um estrangeiro de uma raça considerada inferior, muito embora as mulheres sejam um símbolo do próprio império britânico, segundo destaca Meyer (1996).

No que diz respeito às fortunas ficcionais, Moretti (2003) traça detalhes sobre os modos como as fortunas coloniais são apresentadas na literatura inglesa, por exemplo, dentre eles, o fato de que são mencionadas em comentários apressados. Quanto às próprias colônias, tem-se, por exemplo, uma história retrospectiva em *Jane Eyre*. De modo que "[...] essa é a geografia mítica [...] de uma riqueza que não é realmente produzida (nunca se diz nada sobre o trabalho nas colônias), mas magicamente 'encontrada' no exterior" (Moretti 2003:39). As especulações de Lockwood e Nelly em relação ao período em que Heathcliff esteve ausente, é que ele pode ter estado na América: "Fugiu para a América, cobrindo-se de glória, derramando sangue de seus conterrâneos?" (Brontë 1971:91).

A possibilidade de ter buscado fortuna em uma colônia que lutou e conseguiu emancipar-se sugere que ao deparar-se com uma rebelião – a americana – contra o exército mais poderoso da época, o inglês, e vencê-lo, teria supostamente conferido ao jovem fugitivo, Heathcliff, a força necessária para contestar a postura imperialista inglesa dentro da Inglaterra e, posteriormente, se impor, pelo menos no contexto local. Portanto, a suposta ida de Heathcliff aos Estados Unidos, e as experiências ali vividas, de certo modo, teriam sido responsáveis pela mudança de mentalidade do jovem.

De acordo com Moretti (2003), os romances coloniais geralmente mostram o vilão imigrando ou vindo de um país remoto; a diferença aqui é que Heathcliff supostamente foge para outro país, mas não permanece lá. Ele volta poderoso para *conquistar* o território inglês e *colonizá-lo* à sua maneira. Segundo Said (1994:64, tradução nossa), a literatura mostra que geralmente os

> Filhos mais jovens em desgraça eram enviados para as colônias [...] parentes mais velhos vão para lá para tentar recuperar fortunas perdidas (como em *La Cousine Bette* de Balzac) [...] Os territórios coloniais são reinos de possibilidades, e eles têm sempre sido associados com o romance realista.

O fato é que Heathcliff vai para um país estrangeiro, uma vez que, ao retornar, apresenta um sotaque não característico da sua antiga fala. Brontë o faz utilizar a ferramenta dos colonizadores imperialistas que se apropriam e/ou fazem fortuna em territórios colonizados. Ele volta rico e, como há a suposição de que esteve nos Estados Unidos, em tese, ele fez fortuna, dilapidando o império inglês, uma vez que aquele país declarou sua independência no período que coincide com a ausência do personagem, quando se calcula as datas fornecidas pela narrativa (Meyer 2003). Portanto, é legítimo inferir que, assim como os ingleses, Heathcliff enriquece dilapidando a propriedade alheia, no caso, um espaço que pertencia aos seus inimigos.

Através das relações coloniais entre os ingleses e Heathcliff, pode-se dizer que *O morro dos ventos uivantes,* pela atitude do Sr. Earnshaw de tomar Heathcliff para si após tê-lo encontrado nas ruas de Liverpool e ter descoberto que ele não *pertencia* a ninguém – como se fosse um escravo –, somado ao comportamento de Hindley após a morte do pai, de certo modo, investiga a política da escravidão, extinta em 1833 no Reino Unido, portanto posterior ao período da narrativa, a qual se passa nas três últimas décadas do século XVIII. Contudo, a obra subverte a representação da questão de escravos fujões, no caso, Heathcliff, através do seu retorno triunfante. O próprio Edgar faz referência a Heathcliff como fujão – embora use a palavra *criado* e não *escravo* – quando sabe do seu retorno e de que ele está à sua porta para falar com Cathy, a agora senhora Linton: "Não é

necessário que a casa inteira te veja receber um criado fujão como a um irmão" (Brontë 1971:95).

Na literatura gótica dos séculos XVIII e XIX, o chamado *retorno gótico* – a exemplo de Lara, de Byron – significa, em geral, erupções violentas e o retorno de pessoas (no caso, Heathcliff) e/ou de desejos reprimidos (isso acontece com Cathy, cujo casamento entre em colapso em virtude do retorno do seu amado). Em *O morro dos ventos uivantes*, tal retorno é apresentado em destaque no que se refere à infiltração e ao transtorno que Heathcliff causa nos espaços culturais restritos para os quais retorna. Na obra, a ansiedades sobre o *outro* reprimido é explorada através dele, o qual, enquanto a figura culturalmente ambivalente, repetidamente entra e, subsequentemente, perturba espaços ingleses de afluência doméstica e a harmonia social.

Isto posto, é importante destacar que a rebelião de Heathcliff após as humilhações sofridas entre os Earnshaw e entre os Linton é um símbolo do poder dos despossuídos e explorados contra o Império, uma ansiedade elevada no consciente cultural britânico no século XIX, em virtude da então recente perda dos Estados Unidos em 1776 e da Revolução Francesa de 1789. Portanto, é legítimo afirmar que o romance de Brontë explora conflitos entre espaços domésticos (no sentido de nacional) culturalmente marcados, bem como espaços *não-civilizados*, representados através de Heathcliff e de espaços internacionais a ele associados, com o objetivo de interrrogar padrões do imperialismo cultural inglês e desigualdades sociais ocorridas no final no século XVIII e inicio do século XIX.

Quando se analisa *O morro dos ventos uivantes* sob uma perspectiva póscolonial, percebe-se que os espaços estão ligados com a questão da identidade. De acordo com Said (1994:52, tradução nossa), nenhuma "[...] identidade pode jamais existir por si mesma e sem um conjunto de opostos, negativas oposições: os gregos sempre precisavam dos bárbaros, e os europeus dos africanos, dos orientais etc.". Ao referir-se à literatura inglesa, Said (1994:52, tradução nossa) revela que se pode descobrir uma preocupação consistente em autores como Shakespeare, Defoe e Austen que fixam

> […] espaços socialmente desejáveis e empoderados na Inglaterra ou na Europa metropolitanas, e a conecta [a preocupação] por desenho, motivo, e desenvolvimento de mundos distantes e periféricos (Irlanda, Veneza, África, Jamaica), percebidos como desejáveis, mas subordinados.

Loomba (1998:94, tradução nossa) observa que "o contato com outros raciais era estruturado pelos imperativos de diferentes práticas coloniais, e a natureza das sociedades pré-coloniais". Assim como Said (2003), Loomba (1998) destaca que, os discursos coloniais faziam uma distinção entre os povos considerando-os bárbaros infieis, tais como os habitantes da Ásia Central, Rússia, Turquia, e aqueles que eram retratados como selvagens, isto é, os habitantes das Américas e da África. No romance em estudo, a figura do cigano Heathcliff recebe ambas as conotações.

Outrossim, a terra sem nome de Heathcliff nada mais é do que a representação de todos os espaços menosprezados e outremizados pelos personagens ingleses, percebe-se isso nas referências a países, povos e religiões feitas por eles. Em seu primeiro contato com Heathcliff, o Sr. Linton faz a seguinte conjectura sobre o jovem: "Oh! Oh! deve ser a tal aquisição estranha que fez meu falecido vizinho, na sua viagem a Liverpool!…Um filhote de hindus, ou algum pária da América ou da Espanha" (Brontë 1971:53). Esse comentário reflete a maneira de pensar dos demais personagens.

A tradução para a língua portuguesa altera o texto original de Brontë acima citado: "Oho! I declare he is that strange acquisition my late neighbour made, in his journey to Liverpool – a little Lascar, or an American or Spanish castaway" (Brontë 2003:47). A primeira alteração significativa diz respeito à mudança de "Lascar", isto é, um marinheiro das Índias Ocidentais, o Caribe, para "filhote de hindus". Ora, hindus são nativos da Índia, mas o Sr. Linton refere-se pejorativamente aos caribenhos. Esse problema de tradução é significativo, pois dentro da economia da obra, Brontë faz Nelly se referir de maneira diferente em relação à Índia, como será visto adiante.

A segunda alteração é a escolha de *pária* para traduzir *castaway*, que significa abandonado, descartado, rejeitado, vagabundo (*Nedt* 1999). O certo é que o termo original usado por Brontë mostra uma depreciação, por parte do personagem, de pessoas oriundas de espaços coloniais, e que, portanto, são considerados inferiores, bem como seus habitantes.

Da concepção do Sr. Linton, depreende-se que a América, a Espanha e as Índias Ocidentais (os três representam, na obra, os colonizados das Américas) eram espaços *contaminados* pela presença de negros, indígenas e outros tidos como párias sociais, embora tais figuras circulassem também na Inglaterra, em virtude do comércio de escravos ainda pulsante no tempo em que se passa o enredo. As concepções acerca de espaços reduzidos pelos ingleses levam o leitor a inferir que para o Sr. Linton, aquelas figuras coloniais não poderiam ser oriundas do seu espaço nacional por serem diferentes dos seus compatriotas.

Outra referência às Índias Ocidentais está expressa na fala de Nelly, ao comentar a maneira como Heathcliff olhou para Isabella ao descobrir o interesse da jovem em relação a sua pessoa:

> Heathcliff olhou fixamente *aquela que era objeto da discussão*, como se olharia para um animal estranho e repelente: uma centopeia das Índias, por exemplo, que atrai a atenção de quem a examina, a despeito da aversão que desperta (Brontë 1971:104, grifo nosso).

Desse comentário de Nelly subentende-se que, em primeiro lugar, a narradora estava familiarizada com a ideologia imperialista que pregava a outremização de espaços coloniais inclusive através da exotização dos animais neles encontrados. Em segundo lugar, não seria exagero afirmar que Nelly associa-se a tal postura, haja vista seu comportamento preconceituoso no que tange às relações coloniais ao longo da narrativa.

A ilustração de Nelly reforça que o que está no espaço colonial "[…] atrai a atenção de quem […] examina, a despeito da aversão que desperta" (Brontë 2003:104), e mostra que nada tão repugnante quanto uma centopeia daquela existe na Inglaterra – só poderia existir em uma colônia – que possa

ser comparado à maneira como Heathcliff olhou para Isabella. Além do mais, se a narradora percebeu tal olhar em Heathcliff, significa que ele retribui o olhar colonial à jovem – que o utilizou inúmeras vezes contra ele. Com uma única frase, como mostra a narrativa de Nelly citada acima, Brontë critica a postura preconceituosa que, em geral, reinava na sociedade inglesa ao mostrar a exotização do que está fora da metrópole imperialista, mas também responde a tal postura de forma subversiva, através da ironia ao colocar Isabella como vítima do olhar de Heathcliff.

Meyer (2003) defende que o olhar de Heathcliff para Isabella logo após retornar dos três anos de ausência em local indeterminado é a primeira indicação do seu objetivo de se comprometer com uma proposta de impor um imperialismo de forma reversa. Meyer argumenta ainda que, agora, já adulto, Heathcliff retribui o olhar imperial para a *cativa* Isabella e a trata da maneira que tanto ela quanto seus familiares o trataram no passado, ou seja, como um objeto a ser escrutinizado, como se fosse uma criatura exótica e subumana.

Segundo Meyer (2003), Heathcliff passou a infância e a adolescência sendo tratado como um detrito colonial, como um pária da América ou da Espanha, mas ao retornar rico e livre das amarras da sujeição, é ele quem olha para Isabella como se ela fosse um animal rastejante das colônias. Meyer destaca, ainda, a presença de Cathy na cena em tela, em relação ao fato de que no primeiro contato com os Linton, tanto ela quanto Heathcliff estavam, de certo modo, aprisionados por eles em virtude da *invasão* à propriedade dos vizinhos. Na cena em debate, no entender de Meyer, Cathy *captura* Isabella e expõe os sentimentos da jovem pela primeira vez a Heathcliff, da mesma maneira que ambos haviam sido capturados pelos empregados dos Linton no passado, quando se aventuraram a entrar na terra dos Linton pela primeira vez, com o objetivo de ver como seria a vida ali.

O que se percebe é que enquanto na fala dos personagens que se referem negativamente a países e povos considerados inferiores, o próprio texto, embora sutilmente, de certo modo confere valor a eles. Um exemplo disso é a fala de Nelly ao sugerir que Heathcliff poderia ser um príncipe indiano ou chinês:

> Eu queria ter cabelos louros e a pele alva, andar bem vestido e bem comportado como ele e ter a sorte de ser tão rico quanto ele vai ser […] – Um bom coração ajudá-lo-á a ter um bom rosto, meu rapaz, mesmo que você fosse um verdadeiro negro […] *Quem sabe se seu pai não era imperador da China e sua mãe um rainha indiana*, capazes, cada qual de comprarem, com seus rendimentos de uma semana, O Morro dos Ventos Uivantes e Thrushcross Grange juntos? E você foi raptado por piratas e trazido para a Inglaterra. No seu lugar, teria eu orgulho de minha alta linhagem e esta ideia me daria coragem e dignidade para suportar a opressão dum *mesquinho fazendeiro*! (Brontë 1971:59, grifos nossos).

Nota-se que a narradora utiliza-se do senso comum para fazer tal comentário, uma vez que relatos de escravos davam conta do fato de que muitos eram príncipes em sua terra natal. Entretanto, a fala de Nelly pode ser analisada sob algumas perspectivas. Por um lado, ela consola a tristeza de Heathcliff por causa da rejeição à sua raça, língua, povo, cultura, sugerindo a possibilidade de o jovem fazer parte da realeza de dois países em conflito com a Inglaterra. Por outro lado, Nelly deixa escapar que tanto a China quanto a Índia são entidades políticas de origem independente, as quais, inclusive, têm, historicamente, seus próprios soberanos, assim como a Inglaterra, o que eliminaria uma diferença entre os dois países e a Inglaterra, uma vez que a forma de governo seria a mesma.

Quando sugere que Heathcliff poderia ser filho de um imperador da China e de uma rainha indiana, Nelly destaca a riqueza de soberanos estrangeiros, e a insignificância financeira dos ingleses – que precisam tentar se apossar das riquezas desses países para poder enriquecer – representados pelos Earnshaw e pelos Linton. As referências aos dois países inclui, mesmo no campo da especulação, uma história rica e complexa, a qual adquiriu um *status* que Nelly e Lockwood não poderiam reconhecer, porque sugerem uma profunda humilhação aos ingleses que oprimem Heathcliff e que se julgam poderosos e ricos, já que seus supostos pais poderiam comprar as duas propriedades inglesas com o dinheiro ganho em uma semana. É como se, de

fato, a verdadeira riqueza estivesse nesses espaços outremizados pelos ingleses e, por conseguinte, eles precisariam se apossar deles.

Na verdade, ao ligá-lo a pessoas da Índia e da China, Nelly encoraja Heathcliff a ser ver como o filho orientalizado de monarcas exóticos para os ingleses, em vez de um filho adotivo de um cavalheiro inglês. Vista por essa perspectiva, a atitude de Nelly sugere uma tentativa sistematizada de criar o que Bhabha (2007) chama de *narrativa revisionista* que sustenta a disciplina da história da *Commonwealth*. Desse modo, Heathcliff enquanto o *outro* permanece na condição de outremizado através da influência da linguagem, que preseva o *status quo*. Entretanto, esta não parece ser a perspectiva que Nelly adota ao consolar Heathcliff. Sua fala, na verdade, é subversiva porque desqualifica os ingleses e confere uma parentela poderosa ao pequeno estrangeiro.

Diante do exposto, deve-se considerar com Said (1994), que a representação do que está além das fronteiras metropolitanas veio para confirmar o poder europeu. De modo que há um relacionamento hierárquico entre a metrópole e o que está além-mar. Assim, as culturas consideradas inferiores, citadas pelos personagens do romance de Brontë, são exibidas como microcosmos do domínio imperial mais amplo; e as relações de poder revelam o desejo de intensificar a supremacia inglesa através da representação, não apenas de personagens, mas também dos espaços.

Ao entrar em contato com o contexto sociopolítico da época, a obra em estudo escuta vozes subalternas (do estrangeiro de pele escura oprimido pelo imperialismo britânico e de mulheres inglesas oprimidas pelo patriarcado) e resgata-as através da memória dos narradores. Desse modo, o discurso dos personagens configura a expressão das categorias centro-margem, os quais são em sua maioria ícones do povo inglês. Com o descentramento que Brontë propõe através de Heathcliff, percebe-se uma busca, por parte da autora, pela relativização das consciências e a necessidade de perspectivas subversivas em favor dos marginalizados. Além disso, a autora desconstrói os discursos dominantes da sociedade dita civilizada, para não apenas formular novas possibilidades de sentidos e interpretações do que culturalmente é veiculado, mas, sobretudo, para propor, nesse caso, outras perspectivas em relação aos

espaços e aos próprios discursos – sendo estas características de obras de acentuado viés póscolonial e, portanto, questionadoras e subversivas.

Emily Brontë não escreveu narrativas de viagens sobre experiências nos espaços remotos do império britânico, nem situou sua narrativa (exceto seus escritos da juventude) em espaços coloniais. Contudo, o enredo do seu romance ocorre no espaço doméstico da Inglaterra, e em um espaço doméstico individual também, utilizando imagens tiradas do contexto imperialista britânico para explorar a situação entre homens e mulheres dentro e fora do país. Seu romance discute as relações entre ideologias de raça, de classe e de gênero, e fomenta uma crítica contundente às ideologias do império. Pode-se dizer também que a crítica é produzida pelos impulsos feministas e póscoloniais da autora através da ideia de que, embora pareçam afastados um do outro, o espaço doméstico e o espaço do império não são assim tão distantes.

Referência bibliográfica

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen (eds). 2004. *The post-colonial studies reader.* New York: Routledge.

BHABHA, Homi K. 2007. *O local da cultura*. 4a reimpressão. Trad. Myrian Ávila. Belo Horizonte: UFMG.

BONNICCI, Thomas. 2005. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá: UEM (Coleção Fundamentum, no. 12).

BRONTË, Emily. 1971. *O morro dos ventos uivantes*. Trad. Oscar Mendes. Porto Alegre: Abril.

_____. *Wuthering Heights*. 2003. New York: Bedford/St. Martin's (Case Study in contemporary criticism, edited by Linda Peterson).

BOEHMER, Elleke. 2005. *Colonial & postcolonial literature.* New York: Oxford University Press.

LOOMBA, Ania. 1998. *Colonialism/postcolonialism*. Longon: Routledge.

MEYER, Susan. 1996. *Imperialism at home*: race and Victorian women's fiction. London: Cornell University Press.

MORETTI, Franco. 2003. *Atlas do romance europeu:* 1800 – 1900. Trad. Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo.

NEW ENGLISH Dictionary and Thesaurus. 1999. New Edition. New Lanark, Geddes & Grosset.

SAID, Edward W. 1994. *Culture and imperialism*. New York: Vintage Books.

SAID, Edward W. 2003. *Orientalism*. 25th anniversary edition. New York: Vintage Books.

SILVA, Alexander Meireles. 2005. *Literatura inglesa para brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda.

WANDERLEY, Márcia Cavendish. 1996. *A voz embargada*. São Paulo: EDUSP.